

GRAVETOS DO PORÃO

Sensações estranhas tomam conta das pessoas quando voltam pela primeira vez de onde saíram, principalmente quando já passaram anos da partida. Quem migra nunca esquece... Isto pode parecer evidente, mas o que se lembra e como se lembra vai aos poucos mudando em certa dialética entre lembrança e esquecimento, tanto é que, de tempos em tempos, o que parecia esquecido toma os pensamentos enquanto as lembranças de antes se tornam coadjuvantes. Amizades dos lugares deixados podem continuar amigas, mas o cotidiano não mais compartilhado faz dos reencontros tentativas de reprisar os momentos vividos anos antes.

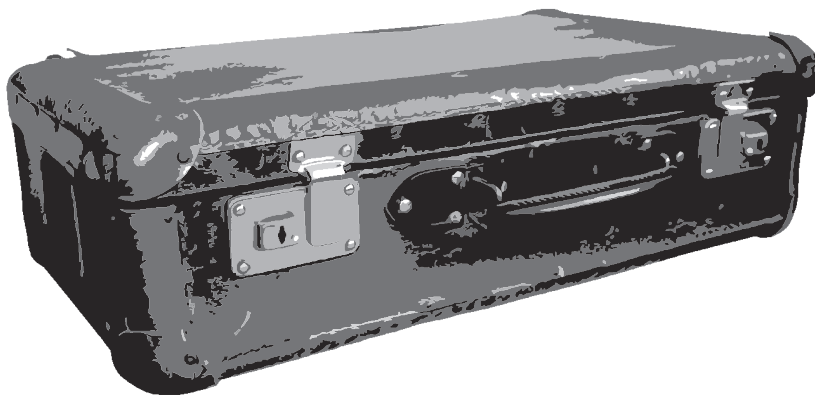
Um “buraco” aparece entre o dia da partida e aquela cerveja no bar da esquina de casa: mas a casa da mãe já não é por completo a casa do filho; no bairro, a menina da casa de madeira se mudou; o muro da igreja foi demolido em nome da estética do novo; e

as paredes do banheiro do bar, antes crivadas de escritos mal cheirosos, foram azulejadas para o bem dos narizes grudados em cabeças assépticas de tudo, inclusive do gozo depois da última espuma de cerveja virada a última ida ao banheiro.

Podem ser muitas as risadas e as interjeições e as perguntas curtas, quando de um ou de outro lado a conversa resvala para novidades, como, *Não pode! A Márcia casou com o Adriano, aquele socó?* ou *Pelo amor de Deus, você tá me dizendo que o Vicente, aquele santo, virou um pinguço?*, ou ainda, *Tá brincando, o Airton foi embora pra Santa Catarina?* Fazer o que lá?... E assim as horas passam como naquelas noites em que nada de estranho se colocava entre os amigos, nada de surpresas, de partidas duradouras, de sensações estranhas... A não ser quando do bar se via passando a menina da casa de madeira lançando tormentas de esperanças que qualquer um sente, perto ou longe, pelo resto da vida. Mas também ela mudou, se mudou...

Se para muitas pessoas mudar de um lugar para outro – dentro de um mesmo bairro ou mesmo de Sede Nova, noroeste gaúcho,





para o Cazaquistão – pode parecer algo natural, para outras tantas a mudança representa viver dois lugares e dois tempos distintos: um, da mudança para o passado; e outro, da mudança para o futuro. Como em muitas cidades do Centro-Oeste brasileiro, nas quais a migração é característica demográfica principal, sulistas, nordestinos e “sudestinos”, dentro outros, já não perguntam primeiro: *De qual família você é?* mas: *De onde você veio?*

São perguntas que parecem transitar do passado para o presente, em direção do futuro... Lá longe, onde o lugar de antes é a terra natal, quando alguém que se conhecia pergunta *Mas você é quem mesmo?* é o presente transitando para o passado, porque é nele, no que já passou, que o encontro ainda possível pode se realizar, pois o presente, agora, é um lugar longe demais para que pessoas que ficaram ainda lembrem rostos, nomes e jeitos dos que se foram. Até porque, se os nomes não mudaram, os rostos e jeitos já mostram as rugas de tempo e lugar distantes, cansados ou apressados demais para ainda lembrar que um dia eram felizes.

Por vezes tudo parece como antes; em outras, tudo mudou. Em cidades pequenas, de qualquer canto brasileiro, o tempo maior de distância pode fazer sumir cumprimentos, conversas, abraços fraternos... E com o tempo, as crianças que brincam na praça são filhas e filhos de filhas e filhos de gente que se conhecia, mas que não se conhece mais. Com elas, com todas elas, é quase impossível compartilhar as lembranças das alegrias, das brincadeiras, dos jogos e das brigas nos primeiros anos daquela areia um dia recém-chegada do rio, agora escurecida por tantos anos de

crianças.

Muitas mulheres e muitos homens, crianças e idosos, ou não, pouco importa agora, migram e nunca mais voltam ao lugar de onde saíram. No Acre, como em muitos outros lugares, é possível encontrar gentes que dizem e repetem *Nunca mais voltei*. Outras e outros, porém, mesmo vendo a distância física se coadunar com outras distâncias, insistem em rever, cedo ou tarde, o lugar deixado. Descem do ônibus e, quase sempre, são muitos beijos e abraços. Na primeira noite tem galinhada e cerveja. Na segunda, também. Na terceira, todos os problemas do mundo já inundam a cabeça de quem queria apenas festejar a volta. Mas todo retorno se torna uma utopia, literalmente. Pode-se até voltar para sempre, mas, definitivamente, ninguém retorna para o lugar que deixou, porque só pedaços de antes podem ser encontrados, os quais, ajuntados, formam um novo lugar, que é o mesmo mas que já é outro, que é outro mas que ainda é o mesmo... Outras pessoas, mesmo sem saber que reproduzem o mito do eterno retorno, voltam, mortas, para morrer, quase sempre, para sempre. Uma morte lenta, bem antes de o coração bater pela última vez.

Primeiro, são os rostos novos que antes eram pequenos e depois viram estranhos. Depois, são as histórias contadas e mil vezes repetidas e que se perdem a cada amigo, parente ou familiar que some, às vezes de morte morrida e outras por esquecimento mesmo. E lá, no cemitério pequeno, as visitas vão mostrando a cada ano fotos com rostos conhecidos e outros nem tanto, mas todos a dizer *Não tem jeito, acabamos aqui*. Mas enquanto os retratos são lembranças, o diálogo ainda é possível... A dor da morte gela o peito quando diante dos olhos do passado se olha, se pensa e se diz *Nunca vi*, ou *Não lembro*. Sim, ali,

depois de morto, é possível morrer de novo, depois de uma morte há tempo anunciada: o dia da partida.

É estranho, muito estranho. Os anos vão separando gentes até o dia em que alguém pergunta *Você conhece esta aqui?* E quem migrou responde *Não!* E a surpresa: *Ela é filha da Eliane, lembra dela?*... O encontro com a menina da casa de madeira vai assim se dando pela filha, tão parecida com ela, os mesmos olhos, os mesmos cabelos, a mesma boca... mas uma moça completamente desconhecida, com uma presença que faz também presente a mãe. Não, a mãe não! A menina que lançava vendavais de esperanças que qualquer um sentiria, perto ou longe, pelo resto da vida... E a menina não é mais a menina. A filha é estranha. Com o tempo, às vezes de longa, média ou curta duração, cada volta faz mais estranhos, até o momento, talvez na idade mais longeva, o estranhamento se fazer total.

É claro que as ruas serão as mesmas, e muitas das casas continuarão ali, e a igreja sem o muro ainda rezará as missas de sábado à noite e de domingo de manhã, mesmo que agora com muito menos gente, e os prefeitos de antes morrerão todos enquanto filhos e outros espertos tomarem os seus lugares, e os times de futebol amador desaparecerão todos a não ser um ou outro veterano insistindo em manter o oxigênio ligado, e de poucos amores se ouvirá e de muitas traições e separações se fofocará, e as casinhas dos bancos da praça serão tiradas para que os maconheiros sejam vistos de longe, e os bons-dias, boas-tardes e boas-noites darão lugar a silêncios cada vez mais prolongados, até o momento em que se dirá, ou se pensará, que nada mais resta...

E porque o túmulo do pai, da mãe, das avós

e dos avôs, tias e tios, primas e primos, amigas e amigos... serão destruídos pela última chuva e os ossos, muitos virados pó, serão amontoados em sacos e depositados no ossuário, sem nomes, datas de nascimento ou de falecimento. Apenas números, muitos números, em etiquetas que lembrarão embalagens de farinha de trigo em prateleiras, umas iguais às outras, como se não importando a ninguém saber quem plantou o trigo, quem colheu, quem moeu e quem embalou o alimento branco que na casa daqueles ossos, enquanto ainda juntos e vivos, virava bolacha com recheio, cuca, pão de milho, cueca virada, waffle e roda de chimarrão, no Rio Grande do Sul, e roda de tereré, no Mato Grosso do Sul, e roda de tacacá, no Acre, e roda de samba, no Rio, e roda-gigante, na praça do interior, e rodacutia no recreio da escola, e roda de carroça com as vacas Mimosa e Branca dos primos da roça, que traziam leite, melancia, abacate e bergamota... Até as lembranças tenderão, em meio à tragédia da solidão, virar, apenas, e simplesmente, pó.

A experiência da migração é talvez aquela em que mais se sente, se imagina e se vive a mudança. Muda-se quando se passa da infância à adolescência, quando se casa, quando filhas e filhos nascem... Todas passagens, todas mudanças. Mas na migração a relação com a mudança é tanta que os verbos migrar e mudar, alocados para quem deixa um lugar por outro, tornam-se um só. Pode-se dizer *Eu migrei* ou *Eu mudei*, *Tu migraste* ou *Tu mudaste*, *Ele migrou* ou *Ele mudou*, *Nós migramos* ou *Nós mudamos*, *Vós migrastes* ou *Vós mudastes*, e *Eles migraram* ou *Eles mudaram*...



Tempos depois, de volta à terra deixada para uma visita, aquela irmã mais chegada é capaz de dizer, depois de longas e boas risadas, que *O Antonio não mudou nada, continua o de sempre!* É de fazer pensar, na cabeça de Antonio, aquele velho ditado, “O que os olhos não vêem o coração não sente”... *O de sempre, de quando, irmã? O de sempre de antes? Mas de que antes? E o tempo entre o antes e o agora?* Antonio mudou, Antonio sentiu, sonhou, imaginou e viveu... e nunca mais será o mesmo, mesmo que o coração da irmã o queira igual ao mano que voltava das festas e só a ela segregava os olhares e os beijos doces roubados de muitas irmãs de outros Antonios, Josés, Pedros, Franciscos, e ela a ouvir meio rindo e sonhando o mesmo sonho de todas as moças, de um dia ser falada como a menina do beijo mais doce da noite passada...

É assim o passado, o presente e o futuro, mesmo que a ordem nem sempre seja tão linear. Na migração, se mudam as pessoas, também mudam os tempos e os lugares: tudo migra ou muda junto, provocando bifurcações em tempos e espaços, em galhos que depois não se juntam mais a não ser quando toda a árvore tomba e suas folhas, poucos frutos apodrecidos, galhos, tronco e raízes vão se misturando ao chão... Ou, ainda antes, quando a árvore velha é cortada para o fogão à lenha na pequena casa de madeira perto do bar do bairro, e à frente do fogão uma velhinha já sopra o fogo nos gravetos ajuntados no porão. ■

Por Jones Dari Goettert
Professor da UFGD

